

Souriau, Greimas, Hamon i Jouve a fi d'ofrir una mirada funcional, semiòtica i receptiva, capaç d'adaptar-se a diferents models narratius. El resultat és una visió matisada que permet abordar l'estudi dels personatges amb criteri, tot reconeixent que es tracta d'un àmbit que exigeix sempre una certa flexibilitat metodològica.

Finalment, el seté i últim capítol, «Per una anàlisi integral», recull les idees principals desenvolupades al llarg del llibre i proposa una reflexió final sobre la pràctica analítica. L'autor insisteix que una lectura narratològica no hauria de limitar-se a aplicar mecànicament unes categories, sinó que ha de servir per a identificar les opcions tècniques que realment articulen el text i entendre com aquestes interactuen per a construir-ne el sentit. L'anàlisi integral que defensa Simbor no és una suma d'elements discrets, sinó un exercici de lectura crítica que pretén detectar les decisions fonamentals que estructuren el relat i valorar-ne les implicacions. Aquesta concepció es concreta en un exemple final especialment suggeridor, en què mostra com les eleccions narratives d'una obra literària poden condicionar-ne la recepció, generar reaccions socials i, fins i tot, provocar polèmica. Amb aquest tancament, el volum reafirma la seua voluntat de convertir la teoria en una eina útil per a la lectura, capaç de connectar amb el text des del coneixement, però també des de la responsabilitat crítica.

En definitiva, aquesta primera lliçó ofereix una aproximació clara, rigorosa i funcional als conceptes clau de la narratologia, amb la voluntat d'enllaçar teoria i pràctica en una proposta útil per a la lectura crítica. Més enllà de la classificació terminològica, el llibre planteja l'anàlisi com una aproximació progressiva que va «de la primera i simple anàlisi al vertader estudi final» (p. 149), aquell que identifica quines opcions tècniques han estat decisives per a donar forma al text. Aquesta concepció implica llegir no només què es diu, sinó com s'ha decidit dir-ho, i apunta a una responsabilitat interpretativa que afecta tant a qui escriu com a qui llig. En aquest sentit, Simbor traça un itinerari de lectura que pot esdevenir un camí útil i estimulant per a qui vulga comprendre la narrativa amb més profunditat.

Eva SILVESTRE

SOUSA, Xulio / GONZÁLEZ SEOANE, Ernesto (ed.) (2024): *Manual of Galician linguistics*. Berlin / Boston: De Gruyter, 571 p.

Se excetuarmos a Introdução (a cargo dos editores do livro), o *Manual of Galician Linguistics*, de 571 páginas, é composto por vinte e quatro exaustivos capítulos, recobrindo no seu conjunto todos os domínios fundamentais de descrição linguística da língua galega. Trata-se, portanto, de uma publicação de referência obrigatória não só para quem se interesse pelo estudo do Galego, mas igualmente para quem se dedique à investigação no âmbito da Romanística. Este livro, embora bastante técnico, não deixa de ter a virtude de também poder ser lido por públicos com uma formação menos especializada em linguística e, por isso, constitui-se indubitavelmente como uma referência obrigatória para estudantes universitários e para outro tipo de públicos mais alargados e com curiosidade sobre este tipo de assuntos.

Na década de setenta do século xx, o Galego padrão viria a formalizar-se e, em 1980, tornar-se-ia idioma oficial da Galiza. Para a padronização desta língua, assumiu particular relevância o Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela (ILG), organismo científico que tem tido uma intensa atividade na descrição linguística, tanto dia-

crónica como sincrónica, do idioma.¹ Como consequência deste labor científico, o Galego assume enorme relevância no panorama internacional da investigação linguística e filológica de ponta, de profundo valor académico, desenvolvido precisamente a partir dos estudos realizados pelo ILG.²

Deve-se precisamente a dois investigadores do Instituto da Língua Galega, Xulio Sousa e Ernesto González Seoane, em 2024, sob a chancela da De Gruyter, na coleção «Manuals of Romance Linguistics», a edição do *Manual of Galician Linguistics* que vem dar corpo a constatações já parcialmente divulgadas em outros estudos, bem como uma ideia de conjunto, agregadora da descrição da língua galega, quer sob uma perspetiva mais sincrónica, quer incidindo numa abordagem mais diacrónica ou, inclusivamente, cruzando os dois paradigmas.

Embora os organizadores da obra estabeleçam um esquema da mesma nas páginas 2-3, arriscaria aqui a propor uma divisão temática que, sem contrariar a dos organizadores, é resultado da minha própria leitura e interpretação do *Manual* em apreço. Assim, considero que:

(i) há um conjunto de capítulos de cariz nitidamente diacrónico e que vão de uma descrição mais formal a uma visão mais socio-histórica (capítulo 18 – «Social History of the Galician Language» de Henrique Monteagudo; capítulo 19 – «The emergence of Galician as a Written Language» de Juan Pedro Sánchez Méndez; capítulo 20 – «Historical Phonetics and Phonology» de Ramón Mariño Paz; capítulo 21 – «Historical Morphology» de Rosario Álvarez; capítulo 22 – «History of Galician Lexicon» de Gonzalo Navaza; e consideraria ainda o capítulo 23 da autoria de Ana Isabel Boullón Agrela – «Onomastics»³ e o capítulo 24 («Linguistic Historiography») da lavra de Xosé Antonio Fernández Salgado);⁴

(ii) um grupo de capítulos nitidamente de descrição linguística sincrónica (capítulo 2 de Xosé Luís Regueira Fernández e Elisa Fernández Rei – «Phonetics and Phonology»; capítulo 3, «Inflectional Morphology», de Francisco Dubert García; capítulo 4, «Word Formation», de Ernesto González Seoane; capítulo 5, «Syntax», de Francisco Cidrás; capítulo 6, «Phra-

1. Naturalmente que o próprio ILG também foi fundamental na conceção e na execução de projetos científicos que visam a própria variação dialetal do Galego, tal como é referido na p. 218: «In the mid-1960s, with the establishment of Romance philology studies at the University of Santiago de Compostela, research into the documentation and description of local varieties began within the framework of pre-sociolinguistic dialectology. The focus of this research, which took mostly the form of degree and doctoral theses, was on the lexical and grammatical descriptions of rural dialects. In this research context, the *Atlas Lingüístico Galego* was conceived and developed as a linguistic geography project undertaken in 1974 by researchers at the Instituto da Língua Galega (García et al. 1977). This endeavour to document the linguistic variation of rural Galician is the main basis for the current descriptions of the dialectal varieties.».

2. Diferentes trabalhos de investigadores que se ocupam da Linguística Românica têm tratado a língua galega. No entanto, refiro-me particularmente à vasta produção e investigação desenvolvidas pelos diferentes grupos do ILG. Aconselho, assim, uma consulta a <<https://ilg.usc.gal/gl/publicacions>>.

3. É, a meu ver, impossível traçar um quadro onomástico de um sistema linguístico sem a respetiva visão histórica. Para tal, a autora faz de um modo extremamente cuidado e informado esse percurso, esclarecendo que «Thus the present toponymical landscape contains a mix of forms originating from every period in Galicia's history and prehistory. While the exact proportion of each etymological component of Galician toponomy has not yet been established [...]» (p. 517-518).

4. Quanto ao capítulo 24, quero apenas sublinhar que há diferenças epistemológicas entre a área da Historiografia Lingüística e a Linguística Histórica, embora apresentem pontos de interseção, como fica bem patente no circunstanciado texto e quando, entre outras possíveis posições neste âmbito assumidas, o autor, ao concluir o seu texto, afirma: «From a diachronic perspective, a historical grammar and dictionary of Galician are still to be developed» (p. 552).

seology», de María Álvarez de la Granja; capítulo 7, «Lexicography», de María-Dolores Sánchez-Palomino; capítulo 8, «Discourse Markers», de Xosé Ramón Freixeiro Mato; capítulo 14, «Terminology and Neology», de Xosé María Gómez Clemente e Xavier Gómez Guinovart, que naturalmente tem pontos de contacto com outros capítulos);⁵

(iii) um conjunto de capítulos que incorporaria no âmbito da Sociolinguística, da Dialectologia, do Contacto de Línguas e da Linguística Aplicada (o capítulo 9 de Xulio Sousa, «Dialectal Variation»; o capítulo 11, «Language and Society», de Bernardette O'Rourke; o capítulo 12, «Galician-Spanish Language Contact», de Gabriel Rei-Doval; o capítulo 13, «Codification and Standard Language», de Serafín Alonso Pintos; o capítulo 15 de Bieito Silva Valdivia e María López Sández, «Language and Education»; o capítulo 16 da autoria de Benigno Fernández Salgado e Beatriz Feijoo Fernández, «Galician and the media», e, por último, o capítulo 17, «Language and Emigration», da autoria de Eva Gugenberger).

Na divisão anteriormente apresentada, há dois capítulos que propositadamente não inclui em nenhum dos três grupos (os capítulos 1 e 10), cuja opção passarei a justificar. O capítulo 1, «Galician and Romance Linguistics», de Ildikó Szíjj e Xulio Sousa, é um texto de caráter amplo e que, de forma exemplar, traça o rumo do que vai ser abordado em outros capítulos da obra, tal como, muito lucidamente, deixam entrever os autores: «The following sections provide a succinct review of same shared and distinctive phonetic and morphosyntactic traits of the Ibero-Romance languages closest to Galician: Astur-Leonese, Portuguese and castilian. This introduction can be complemented by consulting the works of Pountain (2012), Andrés (2013), Dubert García/Galves (2016), and Duarte (2024), which offer a more detailed and in-depth treatment of the aspects addressed in this section» (p. 10). Por outro lado, o capítulo 10 da autoria de Johannes Kabatek, «Spoken and Written Language», aborda uma questão central em qualquer língua e que implica necessariamente um cruzamento metodológico entre fundamentos diacrónicos e sincrónicos. O referido capítulo é a meu ver de valor fundamental na economia do volume, pois cruza diferentes áreas linguísticas e diferentes tempos, uma vez que, tal como afirma Johannes Kabatek:

This chapter will begin by introducing a series of general theoretical reflections on the relationship between the spoken and the written language and then trace some of the most important historical lines showing the tension between both in the history of Galician. The last part of the chapter will be dedicated to the situation of contemporary Galician (p. 244).

Manual of Galician Linguistics mostra-nos, pois, uma visão integradora de uma língua consolidada e com as variações⁶ inerentes a qualquer idioma. Dentro do quadro das línguas românicas e, muito particularmente no âmbito das línguas ibero-românicas, o Galego assume uma importância fundamental adveniente, a meu ver, da sua própria história (diga-se que, em parte, durante séculos, enquanto diassistema, esteve ligado ao português – galego-

5. Refiro-me, por exemplo, ao capítulo 7, ficando claro quando Xosé María Gómez Clemente e Xavier Gómez Guinovart afirmam: «A key figure for any discussion about the presence, or treatment, of terminology in dictionaries is Daviña Facal, who made interesting contributions through numerous articles (1993, 1999, 2000, 2003, 2004) in which he pointed out the problems arising from the inclusion and treatment of scientific and technical terms in general dictionnaires» (p. 325).

6. Cf. capítulo 9. Muito pertinente a consideração do autor: «Since the middle of the last century, dialectical variation in Galician has been one of the preferred domains of linguistic research and the field of study in which the first works on Galician linguistics were carried out» (p. 217).

português),⁷ da sua dimensão política (enquanto língua periférica relativamente ao castelhano e interditada nos seus usos oficiais durante a ditadura franquista),⁸ da sua dimensão sociolinguística (uma língua falada pelos habitantes da Galiza mesmo que em contextos informais, mas mesmo em território espanhol, falada em algumas zonas de Zamora, das Astúrias e de Leão) e, ainda, a mais importante, respeitante à sua própria emancipação enquanto língua oficial fruto de uma longa e produtiva história, tanto linguística quanto sociopolítica.

Traçar uma história do Galego implica sublinhar a sua pré-história que, desde logo, é marcada pela romanização e pela implantação do latim vulgar na România. A diferenciação desse latim vulgar que, paulatinamente, foi dando origem a línguas diferenciadas foi fundamental para a emergência desta língua ibero-românica. Acresce que o Galego se foi espraiando para outros territórios muito para além das fronteiras anteriormente mencionadas e, tal como o Português, tem atualmente implantações e marcas linguísticas no Brasil, a título meramente ilustrativo. Se falarmos do território português próximo da fronteira com a Galiza, observamos que ainda hoje os dois códigos linguísticos mantêm grande proximidade fruto, na verdade, de um contacto e de uma história linguística muito próxima, embora, como adverte Clarinda Maia, na obra *História do galego-português*,⁹ um estudo seminal e de referência obrigatória na área, «A atitude científica que assenta na análise estrutural do galego e do português só permite considerá-los como duas línguas muito aparentadas, mas duas línguas, contudo, diferentes.» (Maia, 887n).

Estamos assim perante uma língua na qual «The phonetic and phonological structure of Galician does not differ greatly from that of other Romance languages» (p. 20), embora sem esquecermos que, sob o ponto de vista histórico:

[...] the phonetic changes which steered the Vulgar Latin spoken in Gallaecia towards Galician Romance can only be reconstructed by recourse to extant written texts, which in the case of Medieval Galician are mostly notarial prose. Inevitably this limitation will produce great lacunae in our knowledge of the phonetic variations of the language from this period, as we lack direct data on spoken Galician and we must almost always rely on written texts which use formal registers and avoid colloquialisms (p. 442).

7. Atualmente, têm surgido várias perspetivas acerca das ligações histórico-linguísticas entre o galego e o português, nomeadamente a de Marcos Bagno que aqui reproduzo e da qual discordo: «[...] somente por uma necessidade ideológica de afirmação nacionalista é que se pode utilizar um termo anacrônico como *galego-português* para designar uma língua que em tudo era galega e que só viria a ser chamada de português no reinado de D. Dinis, que em 1290 instituiu o que se chamava de *língua vulgar* como língua da corte e dos documentos oficiais do reino, reino que por se chamar Portugal transferiu à *língua vulgar* o seu próprio nome: *língua portuguesa*». Cf. BAGNO, Marcos (2011): «O português não procede do latim. Uma proposta de classificação das línguas derivadas do galego», *Grial* 191. Vigo: Ed. Galaxia, p. 34-39.

8. Aliás, os editores do *Manual of Galician Linguistics*, na p. 1, afirmam: «The second turning point for the development of Galician linguistics has its roots in the profound transformations occurring in Spain's legal and judicial framework in the years immediately following the end of Franco's regime. The Constitution enacted in 1978 establishes the co-official status of Galician language, alongside Spanish, in the territory of the autonomous community of Galicia. The recognition of co-officiality, further developed in subsequent years in the Statute of Autonomy (1981) and the Law of Linguistics Normalisation (1983) [...].» Pertinente é igualmente a seguinte afirmação feita na p. 418: «The Franco regime issued several decrees aimed at imposing the exclusive use of the Castilian language on both the public and in some aspects of the private life, prohibiting the use of "regional dialects" in various contexts which ranged from films and theatrical representations to the names of public establishments, ships and baptisms (Solé i Sabaté / Villaroya 1995).».

9. Cf. MAIA, Clarinda (1986): *História do galego-português: estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Lisboa: INIC.

Morfologicamente, o Galego possui

[...] only nouns, pronouns, adjectives, determiners, relatives, interrogatives, exclamatives, and verbs inflect, i.e., their lexemes are determined by morphosyntactic properties; adverbs, prepositions, conjunctions, subordinators, and complementizers do not inflect. Verbs inflect, at least, for mood, tense, aspect, number and person. The other variable lexical categories inflect, at least, for gender and number (p. 55).

Ainda acerca da descrição morfológica do Galego, sublinharia o que é descrito ao longo do capítulo 21, que, sob um ponto de vista mais histórico, estabelece relações com a própria história da língua portuguesa, propondo-se a autora

[...] to offer a general overview, some historical features and diachronic processes that would deserve to be included in a more detailed description, had to be left out of the present piece. In the choice of topics and their presentation there is an underlying comparative approach with closely-related Romance languages, particularly with Portuguese (p. 465).

Semelhantes simetrias, entre Galego e Português, também poderão ser encontradas em outras áreas de descrição linguística, tal como na sintaxe, uma vez que «Galician is a Romance language derived from the latin spoken here in the Middle ages eventually gave rise to the modern Galician and modern Portuguese languages, which evolved out of northern and southern varieties respectively of this old form of Romance» (p. 107).

Os movimentos migratórios, as políticas linguísticas e as atitudes e percepções dos falantes assumem particular relevância na expansão e difusão de um determinado idioma, pelo que:

Even new speakers who have displaced Spanish and adopted Galician-only practices admitted switching to Spanish in high-stakes situations, such as a job interview or when submitting a CV, at the risk of being labelled as radical. It thus follows that the over-politicisation of the language may be inhibiting the more widespread recruitment of new speakers and de-normalizing the use of Galician in urban contexts (O'Rourke 2014) (p. 275).

Manual of Galician Linguistics constitui-se, como já referimos, por 571 páginas, sendo que as últimas são reservadas a um meticoloso índice remissivo que ajuda na leitura e interpretação da obra. Tal como é afirmado na contracapa do livro:

This manual introduces its readers to the most important topics of current linguistic research on Galician. It includes chapters covering diachronic and synchronic descriptions of all main areas of language structure [...], as well as chapters on social and regional variation, language contact, sociolinguistics, language variation and other interesting areas of linguistic research,

o que dá bem conta do objetivo inclusivo da obra.

Trata-se, com efeito, de uma referência de leitura obrigatória, pela forma segura, rigorosa, metodológica e exemplificativa com que as descrições são conseguidas. Sublinho ainda o facto de cada capítulo incorporar uma pertinente bibliografia, dando-nos, assim, o panorama da riqueza de itens bibliográficos que têm sido produzidos para o estudo da língua galega até 2024.

O facto de ser um português a fazer uma recensão deste modelo volume é motivo de um deleite ainda mais significativo, pois corroborando as palavras de Ivo Castro, um amante da língua galega, na verdade

[...] qualquer português, mesmo que seja nascido em terra de mouros, pode entrar em Santiago e, se for bom e verdadeiro o seu sentir, pode proclamar Eu sou galego! Como Rodrigues Lapa fez; como Kennedy fez junto ao Muro: Ich bin ein Berliner!; mas, de preferência, sem os instintos hegemónicos que animaram tanto um como outro (p. 22).¹⁰

Curiosamente os autores dos capítulos de *Manual of Galician Linguistics* não deixaram de ser sensíveis a este desiderato.

Em jeito de conclusão, felicito academicamente os editores da obra e os autores dos vários capítulos da mesma, não só pelo rigoroso trabalho académico apresentado, mas pelo visível entusiasmo de defesa da língua galega que transmitem e sem nunca perderem de vista a objetividade e a imparcialidade teórica e metodológica que um trabalho desta natureza implica.

Paulo OSÓRIO
Universidade Aberta (Portugal)

SUÁREZ GARCÍA, Raquel (2023): *Vocabulario completo de un texto morisco tardío. Una contribución a la lexicografía española*. Oviedo: Universidad de Oviedo, 508 p.

Aquest volum és el que fa disset dins una col·lecció (la CLEAM) íntegrament dedicada a la lloable tasca de recuperar, mitjançant edicions i estudis, el llegat literari «aljamiado-morisc». Constitueix el repertori complet de les paraules contingudes en el *Compendi islàmic* del morisc aragonès Mohanmad de Vera, redactat al començament del s. xvii i l'edició del qual l'autora mateixa va publicar l'any 2016 com a volum quinze d'aquesta mateixa sèrie. La introducció del *Vocabulario* recull algunes consideracions metodològiques en relació amb la lexicografia i dona compte d'una fase d'autonomització dels estudis lexicogràfics, que deixen així de ser concebuts exclusivament com a mers auxiliars de la tascaecdòtica (p. 8-10). La intenció expressa de l'autora és, en aquest respecte, produir un catàleg íntegre de les formes lèxiques emprades en el text «que contribuya a formar una visión más ponderada de la lengua (y de los registros) en la que efectivamente escribían los moriscos» (p. 10).

Els criteris aplicats per a la confecció del vocabulari (explicitats en les pàgines 13-20) inclouen algunes decisions encertades que augmenten notablement el profit que es pot treure de la seva consulta. És el cas de la indicació sistemàtica de paràllels en d'altres textos aljamia-dmoriscs (a més dels lexemes originals àrabs en el *Kitāb d'Assamarqandī*) i també de la incorporació de referències lexicogràfiques aragoneses, castellanes i catalanes en el cas dels lexemes menys comuns. Aquests dos elements fan d'aquesta obra molt més que un mer índex lèxic i l'assimilen a un veritable estudi del vocabulari (actiu o heretat) de Mohanmad de Vera. La realització d'aquest potencial es pot veure parcialment limitada, tanmateix, pel fet que les concordances preexistents que l'autora explota com a terme de comparació resten a hores d'ara totes tres inèdites (p. 18, nota 3), altrament que el *Glosario de voces aljamiado-moriscas* (GVAM, publicat per Trea, 2016). D'altra banda, la disposició dels lemes dins el vocabulari (p. 21-495) és clara i fa de bon llegir —amb l'única nota una mica discordant (conseqüència tal vegada ineludible, i per tant no criticable, de la sistematicitat) d'uns pocs lemes que no vehiculen cap més informació que l'índex exhaustiu d'ocurrències (*a, al, de, el/la/los/las, él/*

10. Vede <https://www.clul.ulisboa.pt/files/ivo_castro/1996_Galegos_e_Mouros.pdf>.